

Conselheiro deixa Vale e fala em 'manipulação' na sucessão

Mineração Sob ataque

Conselheiro fala em 'manipulação' na escolha de CEO da Vale e deixa cargo

Em carta de renúncia, José Luciano Duarte Penido diz que processo 'sofre evidente e nefasta influência política'; para empresa, escolha de novo presidente segue estatuto

MÔNICA CIARELLI
RIO
CRISTIANE BARBIERI
SÃO PAULO

O turbulento processo sucessório na Vale, marcado pela tentativa de interferência política do governo, ganhou um novo capítulo com a renúncia, na segunda-feira, do conselheiro independente José Luciano Duarte Penido. Em sua carta de saída, Penido escreve que esse processo na mineradora estaria sendo "conduzido de forma manipulada, não atende ao melhor interesse da empresa e sofre evidente e nefasta influência política". A Vale foi privatizada em 1997.

Segundo ele, "no conselho (de administração) se formou uma maioria cimentada por interesses específicos de alguns acionistas lá representados, por alguns com agendas bastante pessoais e por outros com evidentes conflitos de interesse". O processo, continua ele, estaria sendo operado por frequentes e detalhados vazamentos à imprensa, sem compromisso com o sigilo de informações envolvendo uma empresa de capital aberto.

Ataques
Lula tem afirmado que empresa deveria estar alinhada a programas de crescimento do governo

Em comunicado divulgado no início da noite de ontem, a Vale afirma que a atuação do conselho no processo de definição do novo presidente "está rigorosamente em conformidade com o estatuto social" e com o "regimento interno e políticas corporativas". A empresa diz ainda que o colegiado seguirá "desempenhando as ações previstas nos processos de governança" e "executando sua missão de forma diligente".

Sob o peso das acusações, as ações da Vale voltaram a cair ontem - 0,62%, acumulando mais de 7% de perdas em apenas dois dias. "A Vale é uma 'corporation' (companhia sem

controle definido), e isso deveria tornar a empresa mais segura em níveis de governança, mas infelizmente já estamos vendo sinais de interferência", disse o analista Vitor Mizziara, sócio da Performa Ideias.

Bacharel em Engenharia de Minas, Penido tem longa carreira em grandes projetos de mineração. Já foi presidente do próprio conselho de administração da Vale e diretor executivo da Samarco de 1992 a 2003, além de ter comandado o conselho da Fibria Celulose por dez anos. Seu mandato, iniciado em maio de 2023, iria até abril de 2025. "Minha atuação como conselheiro independente se torna totalmente ineficaz, desagradável e frustrante."

A tentativa do governo de influir na sucessão da Vale provocou um racha entre os conselheiros. Inicialmente, o governo tentou emplacar o ex-ministro Guido Mantega na presidência da mineradora por meio da Previ, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil - que possui duas cadeiras no conselho, além de ser o maior acionista individual. A tentativa fez com que as ações da Vale caíssem 2,20% só em 25 de janeiro, quando o assunto se tornou público.

Já no fim de fevereiro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, em entrevista à Rede TV!, que "a Vale não pode pensar que é a dona do Brasil". Na visão do chefe do Executivo, a empresa deveria estar alinhada com o entendimento de desenvolvimento do governo. Diante das resistências ao nome de Mantega, o governo passou a defender a indicação do ex-ministro para o conselho.

GANHAR TEMPO. Na sexta-feira passada, numa solução vista pelo mercado como protelatória, o conselho de administração da empresa decidiu em reunião extraordinária renovar o contrato do atual CEO, Eduardo Bartolomeo, até o fim deste ano (inicialmente, se encerraria agora em maio). Até lá, uma empresa de recursos humanos será contratada para elaborar uma lista triplíce com indicações de sucessores, e Bartolo-

meo ajudará na escolha.

No mercado, a avaliação é de que a decisão não esvazia as incertezas. "A decisão pareceu uma manobra da companhia para ganhar tempo na condução do processo de sucessão", diz Henrique Cavalcante, analista da Empiricus Research. "A pressão política do governo deve seguir viva e afetando a visibilidade dos investidores para a empresa no médio prazo."

COLABOROU DANIEL ROCHA E INVESTIDOR
DIVERGÊNCIAS ENTRE PRATES E SILVEIRA
DÃO TOM A GESTÃO NA PETROBRAS. PÁG. B2



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios Caderno: B Pagina: 1